

## RESENHA

## CONSCIENTIZAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DA LIBERTAÇÃO

Marcelo Olimpio Gomes<sup>1</sup>

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva. Revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

O livro *Conscientização*, de Paulo Freire, foi originalmente escrito em 1979, contém 53 páginas. O mesmo faz uma apresentação e contextualiza a conferência do MEC, assim como a capacidade crítica do ato da “conscientização” não pode estar desvinculada da ação, descrevendo sua trajetória, abrindo caminho às mais diversas linhas de pesquisa e três partes, divididos em capítulos. O primeiro capítulo intitula-se *Primeira Parte: O Homem e Sua Experiência*. O segundo, *Segunda Parte: Alfabetização e Conscientização*. O terceiro, *Terceira Parte: Práxis da Liberdade*.

Na apresentação, Cecílio de Lora expõe a importância da vida do referido autor, fazendo-nos um convite a “vivenciar” as experiências advindas da experiência da consciência.

No prólogo, a Equipe INODEP refere-se a Paulo Freire como “Um homem, Uma presença, Uma experiência”, alguém que, por meio de seu método pedagógico, ultrapassa em muito o homem e a experiência, empenhado em combater o analfabetismo e libertar o homem da “cultura do silêncio”.

A *Primeira Parte: o homem e sua experiência* inicia contextualizando a origem simples de Paulo Freire e apresenta seu pai, Joaquim Temístocles Freire, potiguar, oficial

---

<sup>1</sup> Graduado em Física, tem especialização em Ensino de Ciências e Matemática pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Mestrando do Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5575756805826379> E-mail: [marcelo.gomes@estudante.iftm.edu.br](mailto:marcelo.gomes@estudante.iftm.edu.br)

da Polícia Militar de Pernambuco, espiritista, e sua mãe. Edeltrudes Neves Freire, pernambucana, dona de casa, católica. Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, Estrada do Encanamento, bairro da Casa Amarela. Anos depois, devido à crise econômica de 1929, sua família foi obrigada a mudar-se para Jaboatão, onde experimentou o que é a fome e pôde compreender a fome dos demais - as dificuldades enfrentadas não foram poucas, e, desde jovem, ele já se perguntava o que poderia fazer para ajudar aos homens.

Mesmo diante das dificuldades, Paulo Freire consegue admissão ao ginásio aos 15 anos, quando tomou conhecimento das obras de pensadores como Carneiro Ribeiro e Rui Barbosa, entre outros. Estudou Filosofia, Psicologia da Linguagem e Literatura Brasileira. Aos 23, casou-se com Elza Maia Costa Oliveira, (Elza Freire), pernambucana do Recife, católica, com a qual teve cinco filhos, três moças e dois rapazes.

Licenciado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco e posteriormente professor no curso de Direito na mesma universidade, chegou a advogar, porém, depois de uma experiência com um cliente, abandonou o direito e descobriu sua vocação ao elaborar e aplicar seu projeto educacional com homens e mulheres camponesas, estes aprendendo a ler e a escrever. Foi um dos fundadores do movimento de Cultura Popular do Recife, que mais tarde teve continuidade no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife.

O golpe de Estado de 1964 atingiu Paulo Freire diretamente, visto que suas ideias eram uma ameaça frente ao novo ditame político, por conta do qual esteve preso por cerca de 70 dias. Em 1964 conseguiu refúgio na Embaixada da Bolívia e posteriormente ficou exilado no Chile.

No Brasil, a conscientização evidenciada pelas relações entre o trabalho desenvolvido por Paulo Freire e a ascensão popular são bem evidentes. O *Movimento de Educação Popular* constituía uma ameaça real para o sustento da antiga situação de dominação política, porque a massa alfabetizada modifica as relações de poder. Paulo Freire pregava uma educação que deve preparar a pessoa humana para um juízo crítico das possíveis decisões pessoais, locais, nacionais, dando-lhe a possibilidade de escolher o próprio caminho a ser traçado.

No Chile, ocorreu o oposto do Brasil, suas ideias foram difundidas e utilizadas em todos os programas oficiais de alfabetização daquele país, onde, antes de 1964, a alfabetização representava um esforço essencialmente privado. Criou-se um Escritório de Planejamento para a Educação de Adultos no ano de 1965. Waldonys Cortês, que estava à frente desse escritório, aderiu às ideias de Paulo Freire e o convidou a fazer parte. Em

dois anos o programa chileno atraiu a atenção internacional, e o Chile recebeu da UNESCO uma distinção que o apontava como uma das cinco nações que melhor superaram o problema do analfabetismo.

A *Segunda Parte: alfabetização e conscientização* aborda a problemática da “conscientização” e evidencia os esforços do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, tendo como expoentes o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro na busca do significado e definição do termo, que ganhou profundidade com seu uso por Paulo Freire. Em suas palavras, “a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.” Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico, provoca mudanças nos paradigmas quanto ao conhecimento próprio em relação às coisas e ao conhecimento científico, suas origens e a identidade enquanto indivíduo enquanto pertencente a uma sociedade com direitos e deveres.

Freire ainda defende o uso do conhecimento do aprendiz como partida para um novo conhecimento, o “conhecimento crítico”, assim como a preocupação com as características antropológica para realizar esta humanização, que supõe a eliminação da opressão desumanizante, elevando-o transcender as situações-limite nas quais os homens são reduzidos ao estado de coisas. Deve-se, assim, analisar em qual contexto o ser (homem) está inserido, pois este poderá estar profundamente arraigado à “deseducação”. Nesse caso, caberia ao educador (docente) ensinar utilizando a própria vivência, ou melhor, da vivência de seu discente, contextualizando conhecimento e achismo. O ato de responder aos desafios que lhes são impostos, transforma o ato de responder. Ao contextualizar a si próprio por meio da reflexão crítica e profunda, tornando-se, assim, um ser pensante com “soluções” e “perguntas” que agem como motor e as soluções como combustível, o homem se constrói como homem.

A capacidade do homem surpreende, pois se fornecermos bases sólidas e mínimas para que o ser aprenda, ele certamente o fará, como o exemplificado no livro ao citar um analfabeto, que, dias depois de passar pelo projeto, pôde algo que ainda não lhe tinha sido ensinado, partindo-se da própria vivência e experiência em identificar, conhecer, reconhecer e formar palavras.

Em sua obra, Freire se coloca como uma aprendiz em sua própria descoberta e está aberto a essas novas ideias que corroboram com seu propósito, que é tornar as pessoas conscientes de suas próprias escolhas, críticas e alfabetizadas. Enfim, encontrar um método que fosse eficiente e eficaz para que os analfabetos pudessem aprender da maneira mais fácil ler e escrever. Para Freire, analfabeto é reconhecer a si próprio nas

várias frentes de um possível conhecimento que está a se mostrar e estar aberto a eles sem preconceitos, pré-julgamentos.

O terceiro e último capítulo, *Terceira Parte: práxis da libertação*, exemplifica categoricamente o opressor e o oprimido, a violência dos opressores e a falta de amor, no qual estaria o subdesenvolvimento relacionado à dependência do opressor, ou seja, é necessário ter o oprimido para se ter o opressor, e vice e versa, para se chegar ao desenvolvimento? Segundo ele, “não é o dominador que constrói uma cultura e a impõe aos dominados, ela é o resultado de relações estruturais entre os dominados e os dominadores”.

De acordo com a frase mencionada acima, há dicotomia, uma ambiguidade, numa atração e repulsão por coisas, objetos, alimentação, cultura, esporte, moda, vestir, viajar, comer, etc. Infelizmente política e educação estão diretamente arraigados, elas estão diretamente ligadas e, às vezes, podem até nos causar confusão do ponto de vista *educacional*, visto que, se o indivíduo é politizado e consegue influenciar outras pessoas, tornando-as seguidoras de sua ideologia, torna-se político, e aquele seguidor se torna sua massa de manobra, pois este carece de politização (conscientização educacional).

Em alguns trechos, a obra de Freire nos coloca a refletir acerca da pedagogia voltada à educação em seu sentido pleno, assim como nos remete a outras obras, como *Pedagogia do Oprimido*, entre outras. Leva-nos a pensar quais seriam os meios de nos apossarmos da pedagogia a ser utilizada, dos objetivos traçados em detrimento do próprio saber docente.

O livro é recomendado a todos aqueles que se interessam por questões relacionadas à educação, ética e cidadania. Talvez a maior descoberta ao ler esta obra seja a de que a Educação não é um monólogo, pois trata da educação consciente, assim como busca por uma pedagogia que contemple essa meta.